

JOAQUIM PAÇO D' ARCOS

" O CRIME INÚTIL "

Pega em Três Actos
e Um Epílogo

PERSONAGENS

(Por ordem de entrada em cena)

1º. AGENTE	
2º. AGENTE	
TENENTE	
OLGA	
CAPITAO	
FURRIEL	
MAJOR	
TAQUÍGRAFO	
EX-DIRECTOR DA POLÍCIA JUDICIÁRIA	...

A acção do 1º., 2º. e 3º. Actos decorre na República do Ronda,
vizinha da República do San Cristobal.

No 1º. Acto (três Quadros) - Num gabinete da Polícia Judiciária.

No 2º. Acto (três Quadros) - Num Presídio Militar, meses antes
da acção do Primeiro Acto.

No 3º. Acto (seis Quadros) - Numa casa de campo situada no lugar
do Ermo, a quinze quilómetros da al-
deia da Ponte do Rei. A Acção tem
início semanas depois da do Segundo
Acto.

No Epílogo (um Quadro) - Além-túmulo.

PRIMEIRO ACTO

(A cena decorre num gabinete dos Agentes da Polícia Judiciária, mobilado com grande sobriedade. Uma secretária à D., com cadeira giratória. Máquina de escrever sobre a secretária e, em frente desta, uma cadeira de madeira singela. Porta ao F., Estante na parede do F., à E. Ficheiros metálicos na parede da D., Mesa a meio da sala, sobre a E., com livros e dossiers. Uma cadeira de madeira, singela, por detrás.)

1º. QUADRO

(Sentado à secretária está um Agente de meia idade (1º. Agente.) O 2º. Agente encontra-se do lado esquerdo da secretária, meio sentado sobre ela, meio encostado. Em frente da secretária está sentado o Tenente, homem de cerca de trinta anos, alto, bem parecido, de expressão inteligente e inquieta.)

1º. AGENTE

O senhor sabe que não tem atenuantes nenhuma. O crime teve premeditação, foi levado a cabo com requintes de crueldade e de cobardia. (Atitude de discordância do Tenente.)

2º. AGENTE

(Em comentário.) A bem dizer nem sei se foi mais covarde, se foi mais cruel.

(O Tenente olha o 2º. Agente e encolhe os ombros.)

1º. AGENTE

Deixa-te de encolher os ombros. A primeira condição, aqui, para nos podermos entender é o respeito. E vamos agora ao que importa: a maneira como vocês esconderam o cadáver e a forma como procuraram apagar todos os vestígios são só agravantes. E de que estôfo ! E como têm

ainda que responder pelo outro crime, eu cá por mim não creio que os juizes resolvam a coisa só com prisão perpétua.

(Movimento de surpresa do Tenente.)

2º. AGENTE

Olha quem, aqueles ! A brandura é mesmo o forte deles !...

1º. AGENTE

É o que lhe digo, meu Tenente. Já estou a vê-lo pendurado na forca. É desagradável, é ... E o senhor, mesmo assim, apegase a essas aldrabices e gosta de armar ao cavalheiro.

TENENTE

Não armo coisa alguma.

1º. AGENTE

Então, se não arma, porque não confessa o verdadeiro móbil do crime ? Estavam convencidos de que ele os tinha traído, não é assim ? E o meu amigo recebeu instruções concretas para o liquidar, não é verdade ?

TENENTE

Tudo imaginação. Pura fantasia.

1º. AGENTE

(Voltando ao tratamento na segunda pessoa, que abandonara nas duas falas anteriores.) Fantasia ou não, diz-me lá, foram só ordens dos mandões ou também houve ordens de pagamento ? Isso já seria também uma explicação. Onde está a massinha ? ahn ?

TENENTE

Não recebi ordens nenhuma, já disse. Nem dinheiro. Por quem é que os senhores me tomam ? As coisas passaram-se como contei. Tivemos de o matar. Não tínhamos outra saída. Se não o tivéssemos morto, tinha sido ele quem nos tinha liquidado. E se ele não nos tem liquidado, teríamos enlouquecido todos.

2º AGENTE

(Intervindo.) Ah ! então foi um acto de loucura, não ? Converte um examesinho às faculdades mentais ?

TENENTE

Nunca disse tal coisa, nem pedi tal exame. Estive sempre em meu perfeito juízo.

2º. AGENTE

Tu já nem sabes o que dizes.

1º. AGENTE

Bem; então foi legítima defesa. Seria uma tese cómoda, até defensável. Mas não combinastes as coisas a tempo. Devias ter concertado tudo com o Furriel e com a mulher.

TENENTE

Não precisei de combinar nada.

1º. AGENTE

(Prosseguindo.) Vamos a ver: ele puxou da arma para abater a Olga. Tu, dum pulo, arrancaste-lha, com perigo de vida. Com coragem, ahn ? Serias até um herói. Na luta que travaram, a arma disparou-se. É sempre assim que as armas se disparam.

2º. AGENTE

O pior foi a outra arma ter aparecido. Para que diabo veio ela meter-se na alhada ?

1º. AGENTE

Mesmo assim, tiveram tempo de mais que tempo para combinar tudo. Decoravam bem os papéis. Chegavam aqui, era só papaguear. E nós mandavamos-te para casa, p'ró pé da tua mãezinha. Era limpinho.

2º. AGENTE

Até pedíamos ao comandante da tua unidade que te passasse um louvor.

TENENTE

TENENTE

(Interrompendo-os.) Não precisei combinar nada com os outros, nem inventar coisa nenhuma. Tudo o que disse foi a verdade, unicamente a verdade. Nunca menti na minha vida, nem aos homens, nem a Deus. E Deus é testemunha da verdade das minhas palavras.

1º. AGENTE

Já sabemos que és religioso. Logo de começo tiveste o cuidado de nos revelar esse traço do teu character.

TENENTE

Perdão; não é traço do meu character. É parte da minha personalidade. Fui educado na religião, não a perdi.

1º. AGENTE

Nem sequer quando mataste o teu camarada ?

TENENTE

Não. Apaguei-me mais a ela. A fé não é só companheira dos dias bons.

1º. AGENTE

Bem. Respeitemos a tua religião. E vamos aos factos. Ele estava sentado no sofá. Estava a ler o jornal. Os olhos bem enterrados na leitura. Tu vieste pela frente e visaste-o na cara.

2º. AGENTE

Belo acto de valentia ! E não te condecoraram ainda !

1º. AGENTE

(Prosseguindo.) Mais valente ainda do que tu, o furriel alvejou o pelas costas, quando ele, espantado, tentou levantar-se.

2º. AGENTE

Não inventas, sequer, uma atenuante ?

TENENTE

Não tenho atenuantes. Nem pretendo inventá-las.

1º. AGENTE

1º. AGENTE

Já não é mau que o reconheças. Mas vamos a outro ponto, um ponto essencial: os motivos políticos. Também não os queres revelar ?

TENENTE

Não houve motivos políticos. A política levou-nos à prisão, mas só a desgraça é que me trouxe aqui.

2º. AGENTE

Já sabemos que és bem falante. Mas estamos aqui há três horas, o sr. Tenente já ditou as suas declarações, muito correctas, um menino prendado não faria melhor, mas a respeito de conclusões, nada. O móbil do crime, ou não o engulo. Ele ameaçava-os, vocês abalavam. Tinham automóvel, tinham dinheiro, levavas a amante ...

TENENTE

(Interrompendo-o.) Ela nunca foi minha amante.

1º. AGENTE

Nem quando ele dormia ?

TENENTE

Nem com ele acordado, nem com ele a dormir.

2º. AGENTE

Então, para que lhe davam os narcóticos ?

TENENTE

Era ele quem os queria; não podia passar sem eles. Pela minha parte já disse: nunca fui amante da Olga. Os senhores podem inventar o que quiserem.

1º. AGENTE

Perdão. Nós aqui não inventamos coisa nenhuma. Às vezes podemos ajudá-los a refrescar a memória. Mas vocês não nos podem levar isso a mal.

2º. AGENTE

Devem reconhecer que estar aqui noites inteiras a aturá-los é uma

boa chatice. (Saltando do canto da secretária e aproximando-se do preso: falando com lentidão.) Queres na verdade que te refresque a memória ?

TENENTE

A minha memória nunca se apagará. (Abanando a cabeça.)
Oxalá pudesse apagar-se !

1º. AGENTE

Bem, tu estás cansado. E hoje já tiveste a tua conta. Vamos lá que não foi má. Vai dormir um pouco.

TENENTE

Bem preciso !

1º. AGENTE

Mas tens que ter paciência e de manhãzinha cedo voltamos a conversar. E abordaremos então a segunda parte: os teus projectos com a Olga. (O Tenente tenta interrompê-lo. O 2º. Agente coloca-lhe, com força, a mão sobre o ombro, forçando-o a escutar em silêncio. O 1º. Agente prossegue.)

Lá bom gosto tinha o sr. Tenente. E as ligações com os emigrados. Aproveita o socêgo da cela para escreveres o romance: "Amor e Conspiração". Desabafa, que te faz bem. Desabafa ...

TENENTE

Não preciso desabafar.

1º. AGENTE

Mesmo assim, faz o que eu te digo, vai desabafando. Se queres papel e pena ponho tudo às tuas ordens. Prometo ser o teu primeiro leitor. E leitor compreensivo.

TENENTE

Não preciso escrever coisa nenhuma. Não invento histórias, nem as fabrico.

1º. AGENTE

Só te quero ajudar, acredita. Tu não me compreendes, nem me agradeces. Dava dias de vida para te salvar da forca. Mas tu, raios partam, não me ajudas nada !

TENENTE

Não posso falsear a verdade só para lhe dar esse gosto.

1º. AGENTE

Bem. Então vai pr'ó diabo com a tua verdade. (Apontando o preso ao 2º. Agente.) Entrega-o aos guardas e que o acordem às seis da manhã. Um duche frio, para lhe refrescar as ideias.

2º. AGENTE

Mas vem ainda em jejum ?

1º. AGENTE

Já se vê.

2º. AGENTE

(Para o Tenente.) Anda daí.

1º. AGENTE

(Com ironia galhofeira.) Trata-o por "sr. Tenente". Não te esqueças que é militar.

(O Tenente levanta-se do banco em que permanecera sentado durante o interrogatório. Sai, com o 2º. Agente, pela porta à E.)

1º. AGENTE

(Acenando com a cabeça, em despedida.) Boa noite. E vê se não sonhas com a Olga.

(O pano desce, para logo voltar a subir.)

2º. QUADRO

(O mesmo cenário. Os mesmos Agentes. Olga sentada na cadeira dos interrogatórios. É uma mulher nova, de cerca de trinta anos, formosa, de olhar ardente, quebrado pelo sofrimento e pela clausura. Expressão que procura ser ainda ativa.)

1º. AGENTE

(Sentado à secretária.) Ora até que enfim começamos a ver mais claro. Não foi um crime político, foi um crime passional. A senhora foi muito dedicada ao morto, ninguém põe isso em dúvida. Tão dedicada que lhe facilitou a evasão, arranjou-lhe esconderijo na montanha, foi sua amante, sua criada, fazia-lhe as compras, o comer, e ainda lhe coseu a mortalha e o acompanhou à última jazida. Deitou-lhe uma mão cheia de terra sobre a sepultura, naturalmente com uma lágrimazinha a molhar o lenço, e preparava-se para entregar o seu amor ao Tenente quando a Polícia, no rasto de Merner, apareceu como desmancha-prazeres.

OLGA

Os senhores não fazem outra coisa senão deturpar as nossas declarações. Fabricam a história, todas as histórias, como lhes apraz.

1º. AGENTE

Então em que é que eu me enganei ?

OLGA

Em quase tudo, se se pode chamar engano à mentira pura e simples.

1º. AGENTE

Minha Senhora, eu quero ser gentil consigo, faça-me essa justiça. Tenho até muita pena de ver uma senhora tão nova e tão bonita envolvida num caso tão tenebroso. Teria a maior pena de a ver pendurada

na força. Já disse isso ao nosso tenente, a pena que me faria vê-lo enforcado. E tratando-se duma senhora nem falemos disso.

2º. AGENTE

(Em comentário.) E também não nos consola nada pensar que vai passar o resto da sua vida numa prisão de mulheres. Não é muito mais agradável.

1º. AGENTE

Seria mesmo horrível. Ora, com um bocadinho de jeito e de boa vontade, a senhora ajuda-nos a destrinçar esta meada. Já se vê que é muito mais cómodo falarmos do crime passional.

2º. AGENTE

Mais cómodo e mais romântico.

OLGA

Eu não falei de coisa nenhuma.

1º. AGENTE

Pois é. Nem do dinheiro. Mas ele existia. Aparece sempre. É um porca-lhão. Escangalha tudo. Suja tudo. E às vezes também compromete.

OLGA

O dinheiro era meu. Foi da venda das minhas jóias. De mais coisa nenhuma.

1º. AGENTE

Sim; esse não está em causa. Mas o que veio do Estrangeiro ? O que a senhora foi receber ao Banco ? (Embaraço de Olga.)

1º. AGENTE

(Notando-lhe o embaraço.) Já vê ? Nós sabemos muita coisa. Não nos leve a mal. É a nossa profissão. E também temos de nos interessar pela política. Agora a senhora metida com a política, essa porca ...